

## POEMAS DE CLAUDIO DANIEL

(tradução de Jesús J. Barquet\*)

### SOBRE O AUTOR:

Claudio Daniel, pseudônimo de Claudio Alexandre de Barros Teixeira, nasceu em 1962, em São Paulo. Poeta e tradutor, publicou os livros de poesia *Sutra* (São Paulo: João Scortecci, 1992), *Yumê* (São Paulo: Ciência do Acidente, 1999) e, em parceria com Luiz Roberto Guedes, *Geometria da água & outros poemas* (São Paulo: Memorial da América Latina, 2000), com traduções do poeta cubano José Kozer. O livro *A sombra do leopardo* permanece inédito.

### SOBRE O TRADUTOR:

Jesús J. Barquet nasceu em 1953, em Havana, Cuba. Como poeta publicou, entre outros, os livros *Sin decir el Mar* (Madrid: Playor, 1981), *Un no rompido Sueño* (Santo Domingo: Punto Creativo, 1994), *El Libro del Desterrado* (Chihuahua: Azar, 1994) e *Nafragios/Shipwrecks* (Las Cruces: Puerto del Sol, 2000). Como ensaísta, publicou *Consagración de La Habana* (Coral Gables: University of Miami) e *Escrituras Poéticas de una Nación* (La Habana: UNEAC, 1999).

---

(\*) Professor do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP.

### CANÇÃO DA ÁRVORE DE MIL FOLHAS\*

o que exprime  
essa esgrima silenciosa  
esse pugilato de sombras?  
simulacro de suave tigre-de-água e leo dragão-de-vento  
flama de branca acácia e de salmão pequeno  
que combate no limiar entre a pele e a alma.  
o que irradia  
esse lento balé de plumas  
esse desfile de facas e leques?  
dança que traduz em seus passos, hábeis como a pantera  
a canção da árvore de mil folhas  
que não sabe da língua  
mas do coração

[\* Nota do autor: *Árvore de mil folhas* e *pugilato de sombras* são expressões que designam o *tuey shou*, série de exercícios para dois praticantes que integra a arte marcial chinesa do tai chi chuan.] (1991, in *Sutra*)

### CANCIÓN DEL ÁRBOL DE MIL HOJAS\*

¿qué expresa  
esta esgrima silenciosa  
este pugilato de sombras?  
simulacro de suave tigre-de-agua y leonín dragón-de-viento  
llama de blanca acacia y salmonete  
que combate en el umbral entre la piel y el alma.  
¿qué irradia  
este lento ballet de plumas  
este desfile de abanico y cuchillos?  
danza que en sus pasos traduce, hábiles como la pantera,  
la canción del árbol de mil hojas  
que no sabe de lengua  
sino de corazón

[\* Nota del autor: *Árbol de mil hojas* y *pugilato de sombras* son expresiones que se refieren al *tuey shou*, serie de ejercicios para dos ejecutantes que integra el arte marcial chino del tai chi chuan.]

### **MISTÉRIO AMOROSO\***

fêmea tão somente  
negra quanto água  
de cascata irreal

[\* Nota do autor: *Mistério amoroso* é uma tradução literal do ideograma chinês que simboliza a afetuosidade, formado por dois signos que representam “mistério”, na parte superior, e um signo que se traduz por “coração”, na parte inferior.] (1989, in *Sutra*)

### **MISTERIO AMOROSO\***

hembra tan única-  
mente negra como agua  
de cascada irreal

[\* Nota del autor: *Misterio amoroso* es una traducción literal del ideograma chino que simboliza el afecto y que está formado por dos signos que representan el “misterio”, en la parte superior, y uno que se traduce como “corazón”, en la parte inferior.]

### **SUTRA\***

para Reginabhen

pálpebras de alfazema  
cintilantes luas sem enigma  
sob o céu anúbis-tânger-cicatriz  
na seda cor-de-nuvem que simula o desejo  
serpenteiam formas de dançarina moura  
de seios tamarindo e lábios sabor anis  
o seu púbis shiva kali irrompe como rosa  
cítara que emudece o pensar do amante  
e lhe toca o coração  
no mais cálido êxtase de santos dervixes  
mulher sem álgebra, sem mitologia, sem cabala  
ou neurocibernética quântica

a mais-que-perfeita expressão do verbo  
 que resume à sua maneira schopenhauer  
 os manuscritos de alexandria  
 os fabulosos cálculos dos astrônomos  
 e os acordes finais de um pianista de blues  
 dama feita para mim e o meu desejo de outro  
 que em tuas mãos é um leão domesticado  
 e no entanto és apenas uma mulher  
 deitada no lado esquerdo da cama

[\* Nota do autor: *Sutra*, em sânscrito, significa “fio” ou “linha” e designa os textos sagrados do budismo, escritos na forma de aforismos, muitos deles ditados oralmente por um mestre a seus discípulos. No verso “céu-anúbis-tânger-cicatriz” há uma referência ao deus-chacal egípcio, ligado aos ritos fúnebres.] (1991, in *Sutra*)

### SUTRA \*

para Reginabhen

párpados de alhucema  
 cintilantes lunas sin enigmas  
 bajo el cielo anubis-tânger-cicatriz  
 en la seda color-de-nube que simula el deseo  
 serpentean formas de danzarina mora  
 de senos tamarindo y labios sabor anís  
 su pubis shiva kali irrumpe como rosa  
 cítara que enmudece el pensar del amante  
 y le llega al corazón  
 en el más cálido éxtasis de santos derviches  
 mujer sin álgebra, sin mitología, sin cábala  
 o neurocibernética cuántica  
 la expresión pluscuamperfecta del verbo  
 que resume a su manera schopenhauer  
 los manuscritos de alejandria  
 los fabulosos cálculos de los astrónomos  
 y los acordes finales de un pianista de blues

dama hecha para mí y mi deseo de otro  
que en tus manos resulta un león domesticado  
mientras eres apenas una mujer  
acostada en el lado izquierdo de la cama

[\* Nota del autor: *Sutra*, en sánscrito, significa “hilo” o “línea” y se refiere a los textos sagrados del budismo, escritos en forma de aforismos, muchos de ellos dictados oralmente por un maestro a sus discípulos. En el verso “ánubis-tánger-cicatriz” hay una referencia al dios-chacal egípcio, vinculado a los ritos fúnebres.]

### **ZAUBERBUCH\***

a Jorge Luis Borges

Todos  
os livros  
– os Sutras, o Corão,  
os Vedas, o Zohar –  
são enigmas:  
jardins verticais,  
rios insubmissos,  
listras de mármore possesso;  
todas as páginas  
– em lâminas de argila,  
pele de carneiro,  
folhas de papiro  
ou rubro ouro esculpido –  
são impossíveis,  
viscerais,  
areia alucinada.  
Os livros, Borges,  
inventam os leitores  
e os nomes  
de vales, savanas, estepes  
e de amplas avenidas  
que ignoramos;

vivemos  
essa efêmera realidade  
para lermos  
suas secretas linhas,  
e assim  
nossos filhos e netos.  
Um dia, porém, os livros  
– últimos demiurgos –  
desaparecerão,  
como o grifo e o licorne  
e ler será apenas lenda.

[\* Nota do autor: *Zauberbuch*, em alemão, significa “livro de magia”, assim como o termo francês *grimoire*.]. (1993, in *Yumê*)

### **ZAUBERBUCH\***

a Jorge Luis Borges

Todos  
los libros  
– los Sutras, el Corán,  
los Vedas, el Zohar –  
son enigmas:  
jardines verticales,  
ríos insumisos,  
listel de mármol poseso;  
todas las páginas  
– en láminas de barro,  
piel de carnero,  
hojas de papiro  
o encarnado oro tallado –  
son imposibles,  
viscerales,  
arena alucinada.  
Los libros, Borges,

crean a sus lectores  
y también los nombres  
de valles, estepas, sabanas  
y amplias avenidas  
que no conocemos;  
vivimos  
esta efímera realidad  
para leer  
sus líneas secretas,  
y así después  
nuestros hijos y nietos.  
Pero un día los libros  
– últimos demiurgos –  
desaparecerán,  
como los grifos y los unicornios  
y leer será sólo leyenda.

[\* Nota del autor: *Zauberbuch*, en alemán, significa “libro de magia”, igual que el término francés *grimoire*.]

### DE PELE

sua  
pele –  
prata? não;  
pétala; colo  
de pássaro;  
jade, sim,  
luz de jade  
nas pupilas;

sob a blusa  
organdi  
lápiz-lazúli  
teus duros  
róseos mamilos  
de leoparda

encimam  
lácteos peitos

que me olham  
no escuro;  
teus brancos pés  
de linho, desnudos  
incitam à dança,  
ao jogo nupcial  
de pele em pele  
cimentada;

em sua câmara,  
sob a coberta  
carmesim, afinal  
abrasados,  
esqueço de mim,  
consumido  
em tua chama  
vestal: labareda.

(1997, in *Yumê*)

#### **DE PIELSOBRE LA PIEL**

su  
piel –  
plata? no;  
pétalo; cuello  
de pájaro;  
jade, sí,  
luz de jade  
en las pupilas;

bajo la blusa  
lapislázuli



organdí  
tus duras  
róseas mamilas  
de leoparda  
coronan  
lácteos pechos.

que me observan  
en lo oscuro;  
tus blancos pies  
de lino, desnudos  
incitan a la danza,  
al juego nupcial  
de piel sobre piel  
cimentada;

en su alcoba,  
bajo la cubierta  
carmesí, finalmente  
olvidome de mí,  
consumido  
en tu llama  
vestal: llamarada.

### **SCHOPENHAUER**

Água  
de nenhum  
mar, gema  
de extinta mina,  
não mais  
que o fulgor  
de vidros  
(cristaleira)  
e o viço

de madeira  
nova,  
lua líquida.  
O tempo  
lacera  
o verde  
nos olhos  
do gato,  
lepra  
das flores,  
ácido  
que corrói  
toda cor  
ou pele  
em escuro  
miasma,  
peixes  
do nada.  
Este  
é um ofício  
doloroso,  
uma ópera  
ruidosa.  
Porém,  
tu foste  
o tigre.

(1999, in *A sombra do leopardo*)

### SCHOPENHAUER

Água  
de ninguém  
mar, gema  
de extinta mina,  
nada más  
que el fulgor

de vidrios  
(cristalera)  
y el vigor  
de la madera  
nueva,  
luna líquida.  
El tiempo  
lacera  
el verde  
en los ojos  
del gato,  
lepra  
de las flores,  
ácido  
que corroe  
todo color  
o piel  
en miasma  
oscura,  
peces  
de la nada.  
Es  
este un oficio  
doloroso,  
una ópera  
ruidosa.  
Entretanto,  
tú fuiste  
el tigre.

### **SÊNECA**

Dor é algo  
atroz (fungos  
violeta). Água

sonora, vai  
de uma a outra  
concha, ama-  
relece (folha  
de trevo) e  
cai. Diz então,  
em que ilha-  
olho-de-chama  
– Ítaca, talvez –  
vesti-me de pele  
desolada,  
e padeci, fera  
entre feras?  
Por que, brutal,  
me arrasto  
nesta terra?  
Para a glória  
do Sublime?  
Por meus débitos,  
hora de decepar  
vogais? Cala Sibila,  
calam Córdova  
e Roma, sou todo  
farelo, e se fecha  
a porta do canto.  
Que direi a mim,  
após celebrar  
o rito da memória?

– Bebe o teu vinho  
e aceita o universo,  
eis o caminho  
da iniciação.

(1999, in *A sombra do leopardo*)

### SÉNECA

El dolor es algo  
atroz (hongos  
violeta). Agua  
sonora, ve  
de una a otra  
concha, ama-  
rillea (hoja  
de trébol) y  
cae. Di entonces,  
¿en qué isla-  
ojo-de-llama  
– Ítaca, tal vez –  
me vestí de piel  
desolada;  
y, fiera entre fieras,  
padecí?  
¿Por qué, brutal,  
me arrastro  
en esta tierra?  
¿Para mayor gloria  
del Sublime?  
Acaso por mis deudas,  
¿hora es ya de mutilar  
vocales? Calla, Sibila,  
callan Córdoba  
y Roma, soy todo  
migaja, y se cierra  
la puerta del canto.  
¿Qué me diré  
después de celebrar el rito  
de la memoria?

– Bebe tu vino  
y acepta el universo,

he aquí el camino de  
la iniciación.